

A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM ENTRE OS E DOS BEBÊS NO ESPAÇO COLETIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Joselma Salazar de Castro – UFSC/PMF

Agência Financiadora: CAPES

O presente texto resulta de uma pesquisa de mestrado já concluída que buscou conhecer o modo como os bebês constituem a linguagem em um espaço coletivo de educação infantil. As análises desenvolvidas são provenientes dos dados observados e coletados durante a imersão no campo empírico, no qual permaneci durante quatro meses em uma frequência de três a quatro vezes por semana, em horários alternados, procurando acompanhar os diferentes momentos do cotidiano de um grupo de bebês, em uma sala de berçário de uma instituição pública municipal. Os sujeitos desse estudo corresponderam a treze¹ bebês de sete meses a um ano e seis meses de idade, sendo seis meninas e sete meninos. Na constituição da pesquisa de campo lancei mão de recursos fílmicos, fotográficos e registros escritos em diário de campo, como um conjunto de instrumentos que possibilitasse o armazenamento dos episódios observados durante o tempo em que permaneci junto aos bebês.

Os procedimentos metodológicos pautaram-se, por um lado, em estudos orientados pela etnografia, principalmente no campo da Sociologia da Infância (CORSARO, 2004; GRAUE e WALSH, 2003; SARMENTO, 2005) e, por outro, no exercício dialógico (BAKHTIN, 2003; BARROS, 2005; BEZERRA, 2008) e dialético (KONDER, 2008) de observar, analisar e fundamentar os dados apreendidos a partir das categorias de análise. Nesse movimento de estar com um grupo de bebês durante horas semanais e de aprofundamento teórico, os dados eram retomados, descritos e analisados. Por fim, para a análise sobre a constituição da linguagem, o referencial teórico utilizado foi a Filosofia da Linguagem de Mikhail Bakhtin.

OS CAMINHOS DA PESQUISA

No Brasil, tem se tornado crescente as pesquisas com os bebês a partir deles próprios, trazendo-os como sujeitos interativos na investigação (COUTINHO, 2002;

¹ O grupo era constituído por quinze bebês, mas dois deles não foram autorizados a participar e a dados coletados, assim como registros fílmicos e fotográficos, portanto, participantes ativos da pesquisa foram treze.

2010; GUIMARÃES, 2008; PEREIRA, 2011; SCHMITT, 2008)². Esses estudos demonstram a diversidade de aspectos que se manifestam nas ações dos bebês e nas expressões que produzem e reproduzem em dados contextos de sociabilidade, como nas instituições de educação infantil, por exemplo.

Desse modo, essas instituições passam a ser importante *locus* de investigação para compreendermos com maior profundidade às crianças, a partir do que elas nos indicam, por meio das ações que se constituem nas relações sociais e do aprendizado da diversidade pelo convívio.

Outros estudos vêm endossando a concepção de que as crianças pequenas são competentes e suas especificidades as diferem das maiores e dos adultos, mas não as inferioriza. Nas diversas pesquisas identificadas que tratam os bebês como sujeitos partícipes, localizei uma que, pontualmente, aborda as ações comunicativas de um bebê. Refere-se a uma Dissertação de Mestrado realizada, em 2009, pela pesquisadora Larissa Elmôr. A pesquisa foi desenvolvida na área da Psicologia e investigou os recursos comunicativos e linguísticos com uma criança no primeiro ano de vida, a partir da análise teórico-metodológica da Rede de Significações do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento e Educação Infantil (CINDEDI) na USP de Ribeirão Preto.

A autora buscou identificar quais recursos comunicativos e linguísticos (verbais e não verbais) foram utilizados por um bebê no primeiro ano de vida a partir do material empírico do Banco de Dados do Projeto Integrado Processos de adaptação de bebês à creche e analisou todos os episódios interativos do bebê em observação durante o primeiro mês de frequência à creche, divulgando a recorrência e os diferentes recursos comunicativos que ele utilizou para se comunicar com os diferentes interlocutores (mãe, babá, irmãs, coetâneos, educadoras e o câmara). A pesquisa demonstrou a riqueza das características que o bebê utilizou ao se comunicar e interagir com os sujeitos da relação, tanto coetâneos como adultos, além de destacar a importância do contexto coletivo da creche nas relações sociais das crianças

Mesmo diante das pesquisas acima mencionadas, mantive o interesse em identificar e conhecer as estratégias de comunicação no processo de constituição da linguagem entre os e dos bebês (grifo meu). Desta forma, voltei minha atenção às

² Durante a realização desta pesquisa, constatei a partir de um levantamento bibliográfico o crescente número de estudos com os bebês, acessando o Portal de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (CAPES), em um período compreendido entre 1988 a Janeiro de 2010 e no Portal da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) no Grupo de Trabalho 7 - Educação da Criança de zero a seis anos – no período entre 1988 a 2009.

indicações trazidas por eles no cotidiano da educação infantil como forma de compreender os diálogos e a comunicação que percebi ocorrer entre pares, deles com os adultos e com o contexto social daquele espaço. A partir destas nuances anunciadas, comecei a me perguntar como estas relações e processos emergiam. O que pretendiam anunciar os bebês com suas expressões e manifestações? Para tanto, foi necessário imergir no campo de pesquisa a fim de compreender os jeitos dos bebês constituírem a linguagem.

A APROXIMAÇÃO COM OS BEBÊS

Durante a permanência no berçário, em uma instituição pública municipal, mantive constante diálogo com as professoras, sempre interagindo-as a respeito da pesquisa e combinando, previamente, os dias que estaria presente, assim como os horários de chegada e saída. Esta negociação da entrada em campo com os profissionais responsáveis pelo grupo de crianças, tornou-se imprescindível e promoveu uma relação de respeito entre nós como precedem Graue e Walsh ao apontar que:

Negociar a entrada com os “guardiães” do dia-a-dia, os adultos que trabalham de fato, com as crianças, esse sim, é um processo diário que normalmente se vai tornando mais fácil, mas que nunca cessa – é um processo contínuo que requer negociações diárias. (GRAUE e WALSH, 2003, p. 124)

Estas negociações possibilitaram maior conforto e segurança a mim, às professoras e aos bebês, pois ao ser aceita pelos adultos “guardiães”, uma relação de segurança começava a se estabelecer, havendo por parte deles um incentivo para que os pequeninos interagissem comigo.

Nos primeiros contatos, levava comigo apenas o bloco de anotações e procurava ter um olhar atento a todas as ações dos bebês, interferindo o mínimo possível, mas ao mesmo tempo, tentando me aproximar sutilmente para ser aceita por eles. Logo pude utilizar equipamentos para filmagens e fotos, como forma de melhor apreender e assegurar a integridade das ações das crianças.

Agrupei um acervo representativo das ações dos bebês, por meio de fotos, filmagens e registros escritos. Na medida em que sistematizava esses dados obtidos, procurava identificar situações que revelassem as estratégias de comunicação dos pequeninos e de que forma a linguagem era constituída.

Parti do princípio de observar quais estratégias de comunicação eram recorrentes entre os bebês, e constatei a apropriação, a produção de atos sociais entre pares, como forma de comunicação eminente na cultura constituída no espaço e no tempo do cotidiano da educação infantil.

As análises realizadas neste estudo, como já anunciadas, foram permeadas pelo exercício da compreensão dialética e dialógica como fundantes das relações sociais:

[...] o movimento da história é marcado por superações dialéticas, em todas as grandes mudanças há negação, mas ao mesmo tempo uma preservação (e uma elevação em nível superior) daquilo que tinha sido estabelecido antes. Mudança e permanência são categorias reflexivas, isto é, uma não pode ser pensada sem a outra. (Konder, 2008, p.52)

A apropriação e produção de novos sentidos entre os bebês começam a se constituir na medida em que os pequeninos começam a agir na e sobre a própria estrutura social, na qual são partícipes. Assim, a partir dos próprios atos sociais, gradualmente, atos mais complexos começam a ser elaborados, conforme as apropriações do sujeito e à legitimidade que o *outro* lhe confere. Nesse sentido, pode-se dizer que a constituição da linguagem é dialética, além de dialógica, estabelecendo-se a partir de um processo de constantes transformações que modificam a ação do sujeito e são modificadas por ele.

Com base nos estudos bakhtinianos, observa-se que o homem somente se constitui como sujeito de linguagem na relação com o outro, dialogicamente, em uma rede socialmente organizada. Para Barros (2005), estudiosa de Bakhtin, é necessário considerar a relação intersubjetiva na concepção de dialogismo e que “a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem (Bakhtin considera que a interação dos interlocutores funda a linguagem)”. (BARROS, 2005, p. 29)

Os princípios teóricos de Bakhtin, abordados por Barros (2005), reitera a existência do dialogismo intrínseco às relações sociais, sendo constituído e constitutivo da interação entre os sujeitos, portanto constitutivo da linguagem. O processo dialógico se constitui por pelo menos dois sujeitos e, da mesma forma, também se constitui como um diálogo entre discursos, em um contexto social com a participação de sujeitos sociais.

Outro aspecto que permeou a análise deste estudo foi o conceito de polifonia que se vincula ao dialogismo, caracterizado pela “posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico.” (BEZERRA, 2008, p.194)

Assim, durante a investigação, percebi que ao imergir no contexto coletivo dos bebês, fui invadida também por suas “vozes”, às vezes permeadas por atos ausentes de palavras e verbalizações, mas carregadas de sentidos que propiciavam a alteração de meus pontos de vista.

Com o intuito de dar visibilidade ao modo como as crianças pequenas experienciam e anunciam a interatividade comunicativa, apresento as apropriações dos bebês a respeito dos códigos sociais, em que tanto os bebês apreendem os sentidos das estruturas postas no contexto social, como agem sobre elas, modificando, por vezes, a forma como as regras de conduta estão institucionalizadas, bem como as possibilidades que temos de olhar e ver as crianças de pouca idade, na sua inteireza.

OS ATOS SOCIAIS E A APROPRIAÇÃO DE SENTIDOS

As categorias de análise foram organizadas a partir dos dados gerados diante das situações apreendidas que emergiram no cotidiano coletivo entre os bebês. Desse modo, ao me voltar a tais dados, foi possível perceber as relações sociais como arena da constituição da linguagem. Os bebês entre eles estabelecem relações sociais, promovendo constantes interações.

Essas interações sociais possibilitam aos bebês a apropriação de atos sociais, em que agem por meio deles na própria estrutura social do contexto coletivo do qual fazem parte. Esses atos são constituídos nas relações estabelecidas no contexto social que os bebês participam, principalmente no espaço coletivo da creche, onde passam um significativo número de horas por dia. Gradualmente, os bebês começam a compreender os sentidos de cada ato e partem para a utilização dos mesmos, conforme suas interpretações, muitas vezes alterando as atitudes deles e dos adultos. Assim, na multiplicidade comunicativa que os bebês revelaram, comecei a compreender o modo como constituem a linguagem.

Segundo as premissas de Bakhtin (2003), a linguagem é social, cultural e dialógica, sendo constituída na interação verbal entre dois ou mais sujeitos, a partir de um contexto social comum. Essa interação entre os sujeitos favorece a apropriação de sentidos e a ampliação de conhecimentos que se complexificam a cada novo ato social do sujeito.

O período de inserção e participação no cotidiano dos bebês no contexto da educação infantil possibilitou a apreensão de um conjunto de cenas com desenhos

particulares, formando uma espécie de mosaico das categorias de análises que possibilitaram agrupar e analisar as cenas pelas diferenças e semelhanças. Da diversidade de episódios registrados, a partir do critério de maior recorrência, foi elencada uma grande categoria, as estratégias de comunicação entre os e dos bebês em que para compreendê-las foi necessário primeiro analisar os *atos sociais* dos bebês e os *sentidos desses atos*.

A ideia de ato social está relacionada à ideia de atividades pré-organizadas que se constituem nas relações sociais, dando o tom ao agir (ou para agir) de um determinado modo em um determinado contexto. Bakhtin (1996), considera que é na expressão semiótica que a atividade mental se organiza, é pela apropriação dos atos sociais que o sujeito desenvolve a atividade mental, modelando e determinando sua orientação. Ou seja, é por meio da atividade social que o sujeito se apropria, estrutura e organiza novas atividades individuais para agir socialmente.

Na língua russa a palavra ato é escrita como *postupok*. No entanto, não significa uma simples tradução da palavra ato, mas traz consigo, etimologicamente, um sentido mais complexo, “[...] é um ato, de pensamento, de sentimento de desejo, de fala, de ação, que é intencional, e que caracteriza a singularidade, a peculiaridade [...]”. (PONZIO, 2010, p. 10)

Nessa mesma direção, procurei relacionar a apropriação dos atos sociais pelos bebês na perspectiva da Sociologia da Infância, buscando contribuições para este estudo da linguagem, em que os bebês foram atores sociais e sujeitos principais nesta pesquisa.

Tomou-se aqui a perspectiva das crianças como atores sociais, de forma crítica ao conceito clássico de socialização, de internalização e adaptação e de afirmação ao conceito de atuação, criação e reelaboração da criança no contexto social, aliando-se à ideia de que a criança produz culturas e conhecimentos e, desde a mais tenra idade, estabelece, nas suas relações com os adultos e outras crianças, uma apropriação de sentidos como estratégia de compartilhamento.

Entende-se, assim, que os bebês passam a se apropriar de ações e institucionalizações que vão se constituindo nesse espaço socializador e agem com e sobre essas dadas ações (PROUT, 2004).

Pepa Òdena, afirma que os bebês nascem em um contexto humano e, por isso, “são educáveis desde o nascimento”³ (ÒDENNA 1995, p. 9). Entretanto, a ideia que a autora aborda em relação *ao serem educáveis*, em momento algum representa passividade e ou homogeneidade nos modos de aprender e se desenvolver, admitindo as

³ “son educables desde el nacimiento”.

singularidades de uma criança para outra. A partir dessas apropriações particulares apontadas pela a autora, reiterarei a importância de observar o modo como os pequeninos constituíam a linguagem por meio de processos próprios de cada bebê como forma de promover a manifestação e o potencial deles (ÔDNA, 1995).

As crianças pequenas se apropriam dos aspectos externos dos quais participam e atuam sobre as institucionalizações sociais do meio, reelaboram e manifestam individualmente seus modos de compreender o entorno. Desse modo, fica o alerta, ao se planejar as ações e a organização dos espaços na educação infantil, pois mesmo quando não se está atento a essas constantes atuações dos bebês, eles estão observando, sentindo, tocando, apropriando-se e reelaborando o que percebem e vivenciam no cotidiano.

A experiência dos bebês não se limita àquela prevista pelo adulto; define-se pela profundidade de seus atos. Os bebês agem com intensidade e empenham-se para manifestar suas potencialidades.

Ao analisar os atos sociais dos bebês e a apropriação dos sentidos por eles revelados, tornou-se nítido, a importância da autonomia no espaço coletivo da educação infantil, autonomia esta, planejada, organizada e promovida intencionalmente pelas professoras. Estes aspectos influenciam diretamente na institucionalização das relações sociais, e embora não tenha sido este o mote principal do presente estudo, tornou-se necessário considerá-lo, por identificar o quanto as regras de conduta propiciam e complexificam a constituição da linguagem e o quanto os bebês agem sobre as estruturas postas no espaço coletivo da educação infantil.

O espaço coletivo de educação infantil de que os bebês participam sofre determinações das dimensões macro estrutural. Porém, a exemplo de Alanen (2001) (apud: SARMENTO, 2005, p.365), é necessário estabelecer uma relação entre a dimensão estrutural e aquelas relações internas às gerações, considerando os processos simbólicos do real, que legitimam as elaborações realizadas pelas crianças e contribuem diretamente na constituição da identidade individual e social, diferenciando-as dos adultos.

A diversificação nas atitudes das crianças daquilo que se apropriam e revelam não as inferioriza, mas legitima a idiosincrasia de seus modos de ser e de atuar. Trata-se de especificidades e não de incompletude. Nessa mesma direção, Sarmiento complementa que isso pode ser verificado “pelos efeitos estruturantes da ação das crianças como atores sociais, e como tópico de análise interna sobre as relações intrageracionais com a

geração adulta em que a infância também se (auto) constitui” (SARMENTO, 2005, p.365).

Os episódios⁴ que se apresentam, a seguir, podem contribuir para que se entenda como o processo de socialização e as apropriações dos códigos de conduta e os sentidos dos atos são revelados pelos bebês e, em alguma medida, transformam as regras institucionalizadas no contexto da creche.

Este episódio apresenta um pequeno grupo de bebês no momento do lanche, demonstrando como as crianças pequenas revelam a apropriação que elaboram das situações cotidianas e, assim, alteram a regularidade como normalmente estas ações acontecem no contexto social em que estão inseridas:

Nessa manhã, a professora estava em formação fora da creche, e o grupo estava sob a responsabilidade da auxiliar de sala⁵ e da auxiliar de ensino⁶. Chegou o momento do lanche prévio e foram oferecidas bananas às crianças. A princípio, a profissional descascava a banana e oferecia a cada criança, mas Gabriela (1 ano e 6 meses) se adiantou e pegou uma banana com casca do prato e começou a descascar. Nesse meio tempo, Flávia (7 meses), que estava no bebê-conforto, afastada do grupo, choramingou e apontou a mão em direção aos colegas. A profissional comentou: “vem Flávia, vem comer banana”. Flávia já havia saído da cadeira e seguia engatinhando e apontando a mão em gesto de solicitação. Gabriela prontamente lhe entrega a banana que acabara de descascar. Antônio (1 ano e 5 meses) e Ricardo (1 ano e 5 meses) olhavam atentamente ao movimento das duas colegas e, quando Flávia finalmente pegou a banana na mão a partir da oferta de Gabriela, os dois comemoraram verbalizando um som de “eeee” (**Diário de Campo**, 07/12/2010).

Constantemente as crianças tinham a alimentação servida pelos adultos, mesmo havendo um incentivo por parte das profissionais para que os bebês ganhassem autonomia. Da mesma forma, havia uma preocupação em atendê-los individualmente, dentro do que era possível. As crianças foram convidadas a se alimentar, mas não houve uma exigência de que todas participassem desse processo no imediato e no mesmo local. Enquanto um pequeno grupo sentou-se no tapete, algumas crianças permaneciam brincando pela sala e se aproximavam ao serem chamadas e ou conforme desejavam.

A pequena Flávia, que ainda não caminhava e assim tinha sua mobilização um pouco mais restrita, ficou afastada do grupo, mas, sabendo da possibilidade de ser atendida, reivindicou o alimento pelo choro e com pequenos gritos de protestos.

⁴ Os nomes dos bebês trazidos nesse estudo são fictícios.

⁵ Profissional que auxilia o trabalho pedagógico dos grupos de crianças, porém faz parte do quadro funcional civil, embora atue na educação das crianças.

⁶ Profissional que substitui a professora titular quando está ausente e faz parte do quadro funcional do magistério.

Gabriela percebeu seu manifesto e a atendeu, descascando a banana e entregando-lhe. Abaixo, apresento as cenas (imagens fotográficas) de como este episódio se constituiu:



Fonte: Acervo da pesquisadora – Dez/2010

Nesse episódio, Gabriela demonstrou algumas das potencialidades que possui a partir da autonomia em tomar a fruta na mão e logo encaminhar à outra menina. A profissional permitiu e incentivou a ação das meninas, ao mesmo tempo em que Antônio e Ricardo perceberam o significado da conquista de Flávia de ir à busca do alimento sem a ajuda dos adultos. É nessas experiências que a linguagem se constitui e ganha forma nas interações sociais com o outro, quando a criança faz apropriações e

produções do que já tem sentido a ela; é a ação do outro, carregada de sentidos para ela, que faz com que suas ações ganhem também novos significados.

Observei nessas ações dos bebês, o quanto e como eles são capazes de encontrar estratégias para ter seus desejos e suas necessidades satisfeitos. O choro de Flávia, que nos primeiros meses de vida era emotivo, mas dirigindo-se para o social, como afirmara Wallon (1975), gradualmente ganha um sentido social, conforme o outro lhe confere significados. Assim, foi possível perceber que os bebês tomam atitudes uns com os outros e não se trata de um ato involuntário, mas carregado de sentidos estabelecidos na interação social entre eles.

No mesmo episódio, foi observada a pronúncia verbal em palavras, apenas da profissional que incentivou a atitude de Flávia. Entretanto, houve verbalização por parte dos dois meninos que também se pronunciaram ao vibrarem pela conquista da menina em conseguir sair do bebê-conforto e ir ao encontro do alimento. Nessa situação, foi possível compreender que havia uma relação estabelecida dos meninos com o que estava acontecendo ao expressarem o contentamento que sentiram quando Flávia pegou a banana e eles verbalizarem “eee”.

Poder-se-ia dizer que a atitude das crianças envolvidas diretamente neste episódio foi casual? Pareceu-me que não. Ao observar os atos dos bebês no contexto dessa cena, percebi a atenção deles voltada à manifestação de Flávia. Esta atenção tem sentidos e intenções, situação constatada quando Gabriela lhe entrega a banana. Há uma diversidade de aspectos que promovem a constituição da linguagem e se revelam a partir da complexa elaboração que os bebês desenvolvem ao agir diante de algumas situações.

Compreender, também, que todos os atos dos bebês se constituem em uma rede de relações sociais e culturais com as quais vivenciam, possibilita-nos compreender que o encorajamento que a professora ofereceu à menina que preparava a banana à outra, por exemplo, também serve de aporte para que as crianças sintam-se seguras e à vontade para realizar ações não determinadas, em que o contexto faz com que elas mesmas usem fazer experiências, proponham desafios e descubram novas possibilidades.

Em diversos momentos, observei as profissionais da creche apontando, positivamente, para os atos autônomos das crianças e incentivando-as a obter novas conquistas. Esses aspectos, além de serem fundamentais na relação entre adultos e crianças, e promoverem, mais rapidamente, atitudes seguras nos bebês, gradualmente institucionalizam os modos de socialização e relação entre os sujeitos que compartilham

essas experiências. De igual modo, as crianças passam a perceber e apropriar-se dos sentidos de cada ação, pois cada atitude delas e dos adultos, conferem, por sua vez, sentidos a esses atos.

Observa-se que as crianças agem mesmo sem serem solicitadas, e a apropriação que fazem do processo de socialização do qual participam é revelada de diferentes formas. Embora os bebês não pronunciem, verbalmente, o que compreendem do mundo, seus atos sociais retratam os sentidos da realidade social e o modo como as relações vão se estabelecendo. Para Rocha (2008, p.48) “[...] as crianças como seres humanos novos, de pouca idade – constroem e transformam o significado das coisas e as próprias relações sociais”. Ou seja, a apropriação ocorre na interatividade com outros sujeitos e situações do cotidiano; e, subjetivamente, a criança reelabora e age transformando a habitual rotina.

No episódio a seguir, pode-se observar como as crianças pequenas recorrem aos gestos, olhares e expressões para demonstrar o que sentem e o que desejam, e ainda, como criam estratégias entre elas para alterar e ou manter as regras instituídas:

Cheguei por volta das 13h. Algumas crianças dormiam, outras estavam acordando. Pedi licença e entrei na sala. As profissionais começaram a servir o lanche para as crianças. Perguntei se elas precisavam de ajuda. Elas responderam que não, que ainda estava tranquilo. Procurei me acomodar no banco, em um cantinho, onde sempre sentava para evitar algum tipo de invasão às crianças, com o bloco de anotações em mãos, filmadora ao lado e máquina fotográfica pendurada no pescoço. Sem demora, algumas crianças começaram a se aproximar de mim. Primeiro, Denise (1 ano e 5 meses) e em seguida Felipe (1 ano e 6 meses) que rapidamente segurou o lápis que eu utilizava e olhou em meus olhos, como se perguntando se poderia pegá-lo. Sorri a ele e soltei o lápis. Felipe começou a rabiscar e Denise observava atentamente o colega e me olhava. Perguntei a ela se deseja escrever, ela sorriu e faz sinal afirmativo com a cabeça. Lucas (1 ano e 1 mês) também se aproximou brincando com um carrinho no próprio banco onde estávamos. Ricardo (1 ano e 5 meses) também apareceu. Nesse meio tempo, eu sugeria à Denise que esperasse um pouco o Felipe usar e que depois ela usaria o lápis e o bloco. Ricardo tentou tomar o lápis de Felipe que reagiu e não deixou isso acontecer. Falei para Ricardo que depois de Denise escrever ele poderia usar o material. Quando Felipe entregou o bloco e o lápis para Denise e ela começou a rabiscar, Ricardo novamente tentou apanhar o lápis e Felipe não deixou empurrando as mãos de Ricardo. Ricardo olhou para Felipe com olhar debochado e tentou novamente tomar o material da colega. Então, sugeri que ele esperasse um pouco a colega usar e em seguida ele também poderia escrever. Ricardo me olhou e pôs a mão na cabeça com ares de quem estava a pensar: “não acredito que tenho que esperar!” (**Diário de Campo**, 22/11/2010)

Nesse episódio, observei as formas como as crianças se organizam para alcançar e ou conquistar algo desejado - neste caso, o diário de campo, alvo de grandes disputas ao

longo de toda a minha permanência em campo. Sempre permiti que os bebês utilizassem meu bloco de anotações, inclusive, substitui a caneta por um lápis, a fim de evitar maiores “danos” à sala, pois, em alguns momentos, os rabiscos se estendiam ao tapete, paredes, etc.

Entretanto, o que chama a atenção nesse episódio é a maneira como Ricardo tenta se apossar do material. Ele, em muitos momentos, mostrou-se liderando situações e impondo seus desejos a partir de dadas ações que inibiam a reação de outros bebês. Nessa situação, porém, Felipe fez o enfrentamento ao colega, agiu, defendendo o que tínhamos combinado, talvez sentindo-se mais seguro por minha presença e provável intervenção, ou por já se sentir hábil em intervir, como pode ser observado no conjunto de cenas apresentadas a seguir:



Fonte: Acervo da pesquisadora – Nov/2010

Ao longo da pesquisa, observei o quanto as crianças pequeninas se apropriam das ações uma das outras. As regras de conduta que se instituem no espaço coletivo da educação infantil estão permeadas por horários fixos: de alimentação, de chegada, de sono e de saída, que determinam certa rotina no cotidiano dos bebês. Outro aspecto que

chama a atenção se refere ao desafio das profissionais de conseguirem atender quinze bebês ao mesmo tempo, fazendo com que muitos não sejam atendidos imediatamente, pois seria humanamente impossível. Assim, as crianças, rapidamente, percebem as fragilidades da estrutura organizativa desse espaço; elas, então, agem sobre a realidade social e modificam individual e coletivamente o funcionamento da rotina.

No caso das cenas apresentadas do último excerto, observa-se Ricardo tentando ser “mais forte” e se apossar de imediato do material, ao mesmo tempo em que fica nítido seu incômodo em ter que esperar, na expressão de levar a mão à cabeça, com ares de impaciência. Em outros momentos, esse mesmo menino e outros bebês usam do choro ou da habilidade de se locomover em relação aos que ainda não caminham para chegar à frente e ser atendido antes dos demais.

É importante observar que nas estratégias de comunicação e ação dos bebês o corpo ganha uma importante dimensão. O ato de empurrar o colega, como fez Felipe a Ricardo, é resultado das situações que os bebês observam, vivenciam e se apropriam dialogicamente. Enquanto a linguagem verbal está em constituição, o corpo, as expressões de olhares e os gestos vão “dizendo”, na interação entre os bebês, o que já podem fazer.

Além da linguagem em efervescente constituição, o cotidiano dos bebês na educação infantil, ganha novos sentidos e se modifica subliminarmente pelas interações dos pequeninos. Essas modificações são permeadas pelos atos sociais dos bebês em que o corpo é determinante no que pretendem atingir. Nesse sentido, começo a compreender o corpo e os movimentos como uma dimensão da linguagem que, de modo diferente e permeado por uma arte corporal, é constitutivo do pensamento e da fala.

O papel do corpo e dos movimentos corporais entre os bebês, aspectos já abordados em outros estudos com os bebês (COUTINHO, 2010; GUIMARÃES, 2008), é relevante nos atos dos bebês sobre a estrutura socialmente organizada. As crianças de pouca idade passam a se apropriar do funcionamento do cotidiano, forjam ações individuais e compartilhadas que alteram, mesmo que sutilmente, a institucionalização das regras de conduta.

Percebe-se, no entanto, a atenção dos bebês em relação ao que circunda o espaço coletivo da educação, demonstrando observarem e compreenderem, mesmo quando parecem não estarem atentos a determinadas situações. Eles sentem, agem e interagem por todos os sentidos e, assim, tomam novos sentidos de como podem atuar e avançar no que desejam. Estas atuações, muitas vezes, se revelam pelo corpo em conjunto com

uma cadeia de sentidos e intenções. A composição desses episódios demonstra a inteligibilidade dos bebês, o quanto eles se apropriam dos sentidos estabelecidos cotidianamente nas e pelas relações sociais, e a riqueza da enunciação linguística em seus atos.

Constata-se, desse modo, que a estrutura do espaço coletivo é permeada pela sutileza do agir dos bebês, que não se furtam em encontrar na experiência do vivido, novas estratégias para agirem. Observa-se, mais uma vez, que a creche dispõe de apenas duas profissionais para atender quinze bebês ao mesmo tempo, assim as crianças começam a criar recursos entre elas para serem atendidas mais rapidamente, o que alarga também as estratégias criativas entre as mesmas.

Entretanto, vejo como inviável para as professoras, conseguirem intervir em todas as ações dos bebês, muitas vezes, nem percebidas por elas, devido à demanda da rotina e das diferentes necessidades e exigências de quinze bebês, individualmente. Mas, compreende-se, ainda, que mesmo havendo necessidade de uma condição estrutural mais adequada, talvez com mais uma profissional em sala, é notável a capacidade dos bebês em encontrar meios de se defenderem e agirem sobre as condições ora colocadas.

É importante se pensar que a linguagem, como social e dialógica, também se constitui carregada dessas marcas determinadas nas relações e interações sociais. Vincze (2004), ao relatar as atividades comuns entre as crianças com até dois anos e meio na experiência de Lóczy, explica que as ações entre os bebês formam um conjunto de saberes, que se ampliam e se complexificam na medida em que a criança age. Ou seja, as crianças aprendem com a ação uma das outras e se sentem atraídas a fazer o mesmo que os outros, porém de um modo individual e diferente. Para a autora:

[...] a formação de certos conjuntos não é um fato fortuito senão que se trata de uma demanda social que vem das crianças e que se dirige a um indivíduo concreto. Considerando todo esse desenvolvimento em seu conjunto: o caminho conduz progressivamente do que é seguro e dirigido a pessoas concretas (VINCZE, 2004, p.78).

Essas reflexões levam-nos a compreender que as ações de resposta entre os bebês têm um grau de elaboração bastante complexo, como no caso dos excertos apresentados. Mas, em que medida pode-se afirmar que as atitudes tomadas por eles foram intencionais? O que posso realmente afirmar é que, em diferentes momentos, observei os bebês experimentando novas ações no momento em que o evento acontecia. Se não há um planejamento intencional nos atos dos bebês, existe, certamente, uma atitude

inteligível e, como se refere Vincze (2004), é, sobretudo, uma *participação ativa*, orientada pelo social.

TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Talvez se possa questionar como a apropriação dos códigos sociais influencia na constituição da linguagem entre e dos bebês. Sobretudo, é importante ressaltar que a linguagem, como social e dialógica se constitui carregada dessas marcas estabelecidas nas relações e interações sociais. Porém, ao se assumir a concepção de linguagem, a partir de Bakhtin, compreende-se que: “[...] Um corpo físico por si só representa a sua própria natureza, mas pode assumir uma simbolização, refletindo e refratando uma outra realidade, tornando-se produto ideológico” (BAKHTIN, 1986, p. 31).

Dessa forma, a linguagem não se constitui isolada da relação social, ao contrário, é na relação e pela interação social que a linguagem se constitui e, com isso, todos os atos que se instituem no contexto social constituem o sujeito como homem de cultura e de linguagem.

Nos espaços coletivos da educação infantil, por mais que em alguns aspectos seja complexo às profissionais de educação atender com qualidade aos bebês, eles necessariamente burlam algumas “regras”, otimizando a estrutura organizativa do espaço e do tempo. Percebe-se que essa mesma estrutura que a alguns bebês frustra e conforma, em outros momentos serve de alicerce para que criem outras bases e encontrem estratégias para resolverem seus conflitos e descobertas, com mais rapidez.

Os atos sociais observados nos bebês permitem compreender outras faces da constituição da linguagem, já que, embora o bebê possa não ter premeditado determinado ato, sua atitude passa a constituir suas ações. Por esses aspectos, é fundamental compreendermos que a apropriação dos sentidos pelos bebês não acontece, apenas, pela observação e de modo passivo, mas, principalmente, pela atuação e experimentação das ações.

São nesses processos interativos dos bebês entre eles e deles com o espaço, objetos e outros sujeitos da relação, que a constituição da linguagem vai ganhando forma e se aproximando da palavra. Por vezes, pensa-se que na inexistência da palavra a criança não pensa e, assim, não expressa sentimentos, emoções e ideias. Porém, quando apuramos os sentidos para *ver e sentir* além do previsível, deparamo-nos com situações complexas, que necessitam de uma inteligibilidade ativa dos bebês para que sejam

executadas. Os dados desta pesquisa demonstraram que o que poderia ter sido apenas um simples movimento, passou a ser uma estratégia de comunicabilidade a partir de um recurso do corpo em contato com um objeto, promovendo alterações na estrutura do espaço e do cotidiano.

Assim, de acordo com as atuações dos bebês e as alterações que passam a instituir conforme agem, outras estratégias são descobertas, e as crianças pequeninas vão ampliando o repertório de ações. Os bebês agem e percebem o resultado das suas atitudes, criando novas estratégias para agir e para comunicarem-se. Desse modo, o corpo, os gestos e movimentos, o olhar, o choro, os risos e o silêncio se convergem na constituição da linguagem. As crianças pequenas possuem um arcabouço de possibilidades comunicativas que, gradativamente, complexifica o pensamento e a linguagem, tornando-a verbal.

O complexo desenvolvimento da linguagem entre os bebês ocorre em uma relação dialógica marcada por enunciações e emoções (criatividade, imaginação, brincadeiras, risos, choros, ações), bastante presente nas crianças de um ano de idade. Portanto, legitimá-las no espaço coletivo da educação infantil pode ser um caminho para conhecermos melhor a elas e, assim, defendermos a garantia de uma educação pública de qualidade com condições adequadas. Destarte, o olhar atento do adulto aos bebês, é parte das condições necessárias para perceber e compreender as indicações que eles fornecem nos processos interativos bebês/bebês e bebês/adultos como processo constituidor da linguagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Tradução: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco]. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARROS, D. L. P. **Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso**. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

BEZERRA, P. **Polifonia**. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos chaves**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 191-200.

CORSARO W. A. **Ação colectiva e agência nas culturas de pares de crianças pequenas** Department of Sociology, Indiana University, Bloomington USA [2004?] (mimeo)

COUTINHO, A. S. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche.** Tese de Doutorado em Estudos da Criança. Especificidade em Estudos da Infância. Universidade do Minho. Instituto de Educação, 2010.

GUIMARÃES, D. O. **Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na Cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado.** Tese de doutorado. PUC – Rio de Janeiro, 2008.

HEVESI, K. **Relação através da linguagem entre a educadora e as crianças de grupo.** In: FALK J. (Org.). *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy.* São Paulo: JM editora, 2004.

KONDER, L. **O que é dialética.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

ÒDNA, P. **Infancia y escuela de o a 3 años.** Rosa Sensat. Madri. 1995.

PEREIRA, R. F. **As crianças bem pequenas na produção de suas culturas.** Porto Alegre, 2011. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UFRGS.

PONZIO, A. **A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo.** In: BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável.** [Tradução: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco]. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2010.

PROUT, A. **Reconsiderar a nova Sociologia da Infância: para um estudo multidisciplinar das crianças.** Ciclo de Conferências em Sociologia da Infância. 2003/2004. IEC. Tradução: Helena Antunes. Braga/Portugal: 2004 (digitalizado)

ROCHA, E. A. C. **Por que ouvir as crianças?** Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta das crianças em pesquisa.** CRUZ, S. H. V.. (org.). São Paulo: Cortez, 2008.

SARMENTO, M. J. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância.** In: **Educação & Sociedade**, 2005, vol. 26, nº. 91.

SCHMITT, R. **Mas eu não falo a língua deles! As relações sociais de bebês em creches.** Florianópolis, 2008. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação), Centro de Educação, UFSC.

VINCZE, M. **Atividades em comum em um grupo de crianças de até dois anos e meio.** In: Falk, J. (Org.) *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy.* São Paulo: JM editora, 2004.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância.** Lisboa: Editorial Estampa, 1975.